

## A FAMÍLIA COMO METÁFORA DA FRATERNIDADE

Maria Isabel Barros Bellini<sup>1</sup>

O que será da família? Que família estamos construindo? Que futuro nos espera? Apontar o vir a ser da família contemporânea, a virtualidade<sup>2</sup>, será isso possível visto que o “*virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente presente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade*” (Lévy, 1993, p.47). Esse exercício de é sem dúvida um grande risco.

Ao elaborar esse artigo, retirado da tese de doutoramento, o desejo era de criar uma formulação que fosse absolutamente inovadora, impactante, inédita, enfim inventar a roda, e esse é um desejo que paralisa. Já em outros momentos o desejo era de desistir, silenciar por receio de elaborar um somatório de informações constituídas apenas por generalidades ou banalidades.

Por vezes todo material era precário, sem abrangência, descolado, autônomo. Sentimento semelhante ao que Foucault refere no seu processo de elaboração do livro História da sexualidade, “*venia empacotando las cosas, sin ahorrar ni una cita, una referencia, lanzando tochos bastante pesados que quedaban en la mayoría de los casos sin respuestas.*” (Foucault, 1991 p.128.)

Anunciar ou antever o futuro da família é uma tarefa pretensiosa e que demanda uma certa coragem, atrevimento ou loucura, pode delatar a traição das palavras, das idéias, dos próprios preconceitos e dos projetos pessoais.

É, na verdade, uma aposta<sup>3</sup>, uma construção na incerteza, buscando um porto mais seguro, uma referência, uma mudança de probabilidades, impõe ao pesquisador um certo desprendimento ao que já é conhecido e a disposição para ouvir e compreender o novo, o inédito e desconhecido, onde e quando quer que esteja sendo inventado. Exige organizar os conhecimentos e pensamentos, e construir algo produtivamente humano, um conhecimento que

---

<sup>1</sup> Professora na Faculdade de Serviço Social. Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Serviço Social. Assistente Social da Secretaria do trabalho Cidadania e Assistência Social. Terapeuta de Família.

<sup>2</sup> A palavra “virtual” pode ser entendida em ao menos três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico. O fascínio suscitado pela “realidade virtual” decorre em boa parte da confusão entre esses três sentidos. Na acepção filosófica, é virtual *aquilo que existe em potência e não em ato*, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma *atualização*. (Cibercultura, p.47)

<sup>3</sup> A aposta é a integração da incerteza à fé ou à esperança. A aposta não está limitada aos jogos ou aos empreendimentos perigosos. Ela diz respeito aos envoltivos fundamentais de nossas vidas. (Morin, 2000, p.62)

tenha sentido para o homem, e assim, não incorrer no risco da acumulação estéril sinalizada por Morin (2000, p.24).

As mutações advindas das novas tecnologias de comunicação em uma sociedade midiática, têm provocado o “vazamento”<sup>4</sup>, para fora das fronteiras da família, de conteúdos, valores, formas de se organizar e se relacionar antes secretos e sob os lençóis, permitindo maior visibilidade das relações familiares.

Esse “vazamento” no entanto, não tem a condição de esvaziar a família, é um movimento paradoxal, pois na medida em que permite retirar da família alguns elementos, permite a entrada de outros, alimentando novamente essa família, não é um processo de esvaziamento, tornar vazio. É um movimento onde elementos constitutivos das relações familiares se acrescentam, se acotovelam, se ferem e também se conferem, tendo nas novas tecnologias um fator de autêntico impacto.

Que discursos estão se elaborando sobre o futuro da família e das relações familiares? Quais as imagens que são veiculadas sobre a família? Qual a fotografia que representa a família? Quais os *dispositivos*<sup>5</sup> que circulam ao redor das relações familiares, quais são as previsões, as futuras práticas, que elementos irão compor os discursos e conhecimentos futuros sobre as relações da família. Recorremos a Foucault e também a outros autores, para que nos auxiliem na construção de uma perspectiva tão complexa. Não queremos fixar em um pensamento, queremos ampliar as possibilidades de pensar as relações familiares e suas diferentes probabilidades.

A busca não é pela simplificação, pela redução a um pensar, a um autor, porém certamente, buscamos apoio naqueles autores que nos tocam, nos intimam, nos seduzem. Giddens, Morin, Birman, Kehl e outros conjugam pensamentos, forças, no sentido de apontar fluxos, caminhos para as relações familiares futuras. A fraternidade, o relacionamento puro, a democracia nas emoções, o reconhecimento da não auto-suficiência e conseqüente necessidade

---

<sup>4</sup> Vazamento.1. ato ou efeito de vaziar; vazadura, vazão. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1986. p.1757

<sup>5</sup> Lo que trato de situar abajo esse nombre es, en primer lugar, un conjunto decididamente heterogêneo, que comprende discursos, instituciones, instalaciones arquitectónicas, decisiones reglamentarias, leyes, medidas administrativas, enunciados científicos, proposiciones filosóficas, morales, filantrópicas; en resumen: los elementos del dispositivos pertenecen tanto a lo dicho como a lo no dicho. El dispositivo es la red que puede establecer-se entre estos elementos. (Foucault, 1991, p.128)

do outro, dão uma dimensão alteritária que contempla a existência do outro e que faz contraponto a *cultura do narcisismo*.<sup>6</sup> (Birman,2000,177).

A vida como ela é, não como aparece nos filmes, a aproximação com as pessoas, de uma maneira intensa, sem miopias, com reconhecimento das suas dores, das alegrias, o desejo de entender a grandeza do homem, da vida, mesmo que em momentos de sofrimento e tragédias cotidianas, e sua capacidade de fazer caminhos dos obstáculos, decidir, mudar, inovar, repetir, transgredir. A capacidade do ser humano de construir sua própria história, decidir sobre seus atos, determinar sua vida e que por vezes, são as situações de sofrimento que tornam possível construir novas relações. A crença de que o homem pode sim construir seu cotidiano e escrever novas histórias, reinventar seu *script* é isso que movimenta e alimenta nossa prática profissional, e nosso investimento em uma pesquisa que trata da violência doméstica e nesse momento permite a elaboração desse artigo. Pensar o humano iluminado por Foucault, é pensar o que não é aprisionável, o improvável, o que é incontinente, o caótico. Não se encaixa, não conserva, essa é “ *nossa constante desgraça e também é nossa graça e nosso privilégio: tudo que é precioso na terra é frágil, raro e destinado a futuro incerto*”(Morin, 2000,p.59).

Considerar que o inesperado é uma certeza para a qual se deve estar preparado, o contrário seria viver uma falsa certeza, uma falsa realidade, onde tudo estaria falsamente preparado e expectado. Morin refere que “*a aventura da vida é, em si mesma, uma história atropelada, com catástrofes que provocam extinções em massa entre as espécies e o surgimento de novas espécies.*”(Morin,2000,p.58)

E assim, a família, a vida em família, passa por transformações cotidianas, nas mesas, nas camas, nas telas. Não se sabe, quais são as vantagens e desvantagens dessas transformações, elas atingem o pontualmente as nossas vidas emocionais. O que acena no horizonte são possibilidades tantas e, por vezes, tão antagônicas, que se estabelecem estados de angústia, esperança, solidariedade e desamparo. A insensibilidade automática ou a sensibilidade extremada compõe as diferentes circunstâncias desse nó sentimental atual. Estranhamento, essa é a palavra, mas qual a chave? Há muitas respostas para essa pergunta. Da destruição da família à uma nova forma de relação familiar, várias são as projeções.

Para Castells

---

<sup>6</sup> Uma modalidade de cultura na qual a subjetividade se concebe apenas de maneira autocentrada, sem atentar devidamente para a densidade da existência do outro.(Birman,2000,p.177)

*“as mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica” (Castells,p.22), e promovem nos “relacionamentos entre os sexos ..., na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de uma esfera de reprodução cultural. Há uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens e crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e personalidade.” (Castells,p.22)*

Giddens, no seu livro *O mundo em descontrole*, também serve como apoio e referência no momento de construir uma possível virtualidade da família pois considera a idéia do *“relacionamento puro”*, como um relacionamento *“baseado na comunicação emocional, em que as recompensas derivadas de tal comunicação são a principal base para a continuação do relacionamento”* (1999, p.70). Para ele esta é *“uma idéia abstrata que ajuda a compreender mudanças que estão ocorrendo no mundo”* (1999, p.70). Este autor refere também a democracia das emoções como uma possibilidade, em que estariam presentes conflitos citados anteriormente no corpo deste trabalho, como por exemplo a relação entre pais e filhos, *“a democracia das emoções não implica falta de disciplina ou ausência de respeito. Simplesmente procura situá-los em bases diferentes”* (1999, p.72).<sup>7</sup>

As relações familiares provocam fantasias, criam fragmentos, imaginações, realidades, tendências, potencialidades. Não busca-se aqui tudo compreender, tudo esclarecer, explicar, ou *desencantar* esse fenômeno. Busca-se mais clareza, provocar inquietude, mexer com a nostalgia, inventar horizontes, imaginar possibilidades.

Quais as transformações possíveis, que interrogantes podem mudar e humanizar as relações familiares? a pergunta funciona como um recurso retórico. A indagação pode já indicar a possibilidade de que o que está sendo indagado exista. Sim, diversos são os espaços de interlocução, e diversos os elementos novos a serem injetados nestes espaços promovendo relações mais humanas e humanizadoras. Desde a escola até a mídia. Para Giddens *“a mídia, em particular a televisão, tem uma dupla relação com a democracia. Por um lado, ..., a emergência de uma sociedade global da informação é uma poderosa força democratizante”* (1999, p.87).

Esse processo deve se dar diferentemente no globo. Da mesma forma que abundam os sinais de progresso e evolução dos homens, nações permanecem em estado de guerra e os direitos

---

<sup>7</sup> A democracia das emoções não faria quaisquer distinções de princípio entre relacionamentos heterossexuais e entre pessoas do mesmo sexo...Defender a promoção de uma democracia emocional não significa ser fraco com relação

humanos são ignorados constantemente. Giddens entende que as mudanças devem ser estruturais e assim a democracia pode ser garantida, aqui democracia em todos os seus aspectos (1999,p.87).

No que se refere a escola, entende-se que a entrada das crianças no universo escolar, introduz outros atores que se somam aos do espaço familiar, "*substitui o romance familiar por uma narrativa pública*"(Lajonquière,2000, p.56). Este é um momento da vida dos sujeitos profundamente significativo e que para alguns autores não pode em absoluto ser desconsiderado, "*cabe afirmar que qualquer aprofundamento do projeto moderno, com vistas a resolvermos certos impasses de nossa contemporaneidade, não pode deixar de contemplar a escola "laica, gratuita e obrigatória"* (Lajonquière,2000, p.56). A escola como espaço de socialização e construção de subjetividades contribui potencialmente na elaboração de formas de viver o cotidiano, e pode ser um elemento fundamental na superação e enfrentamento de impasses da contemporaneidade elaborando pactos de convivência democrática.

Buscando também no espaço da escola a construção de ações coletivas, pois os

*"interesses comuns, a construção de um espaço de criação e de solidariedade, a articulação dos objetivos individuais com os objetivos sociais, podem ser passos para a construção da democracia, fundada nos direitos de cada um para com todos e de todos para com cada um."*(Eizirik,1995,p.121)

Em um discurso semelhante, Morin, introduz a "*ética da compreensão humana*" que é uma "*exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada...*"(Morin, 2000, p.51).

A ética da compreensão humana permite o reconhecimento de si no outro, nos mecanismos e justificações que o outro constrói para lidar com seu sofrimento, esta compreensão nos "*chega quando nos sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias*" (Morin, 2000, p.51). Foucault também aponta essa dimensão do outro e do coletivo<sup>8</sup>, reflete ele que, na construção de novas formas de existência a questão dos direitos individuais perde espaço para um "*nuevo "derecho relacional"* , *que permita todo tipo posible de relaciones en vez de impedir las o bloquearlas*" (Ortega,1997,p113)

---

aos deveres familiares, ou com relação á política pública voltada para á família. A democracia significa a aceitação das obrigações, bem como de direitos sancionados em lei.(1999,p.73)

<sup>8</sup> El proyecto foucauldiano de una ética de la amistad en el contexto de una posible actualización de la estática de la existencia permite transcender el marco de la autoelaboración individual para colocarla en una dimensión colectiva.(Ortega,1997,p.113)

Foucault anuncia a possibilidade de constituir outras formas de sociedade em que estão incluídas novas formas de relação entre os sujeitos. Relações criativas que incluam outras formas de prazer, de comunidade, um tipo de relação “*libre y no institucionalizado basada en la reciprocidad y en la confianza*”(Ortega,1997,p.113). Ortega reitera a fala de Foucault alertando que “*las posibles formas de vida en común en nuestra sociedade no se agotan en la familia o en matrimonio.*”( Ortega, 1997,p.114)

Em sintonia com essa fala Birman reforça que

*"a fraternidade não se restringe ao campo da família, mas ultrapassa essa em muito. Tampouco se confina a laços de sangue. Longe disso. Estes podem ser definitivamente a condição de possibilidade de uma história, ou não. (Birman,2000,p.176).*

Para Foucault é um “*mundo en el que las instituciones sociales han contribuido a limitar el número posible de relaciones*” (Ortega,p.113), e Castells afirma que “*nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagruparem-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais*” (p.23), podendo promover em certa medida uma ruptura na comunicação, e “*...quando já não existe comunicação nem mesmo de forma conflituosa...surge uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro um estranho, finalmente uma ameaça...*” (p.23).

Talvez esse seja o ponto de resistência, a desconstrução de identidades primárias, individualistas, recriando-as no processo coletivo, a criação de uma inteligência coletiva, a construção de novas práticas com novas interações e novos saberes também a partir das novas tecnologias. Criar uma teia, um fio que una as questões, os povos, uma relação de solidariedade, e que se encontre o elo que dê sentido.

Pois o mundo, esse mesmo mundo em que “a economia do desamparo humano em muito se incrementou, advindo daí novas formas de mal-estar”, pode gerar também o sentimento de “precisar do outro como um igual e um irmão para realizar a gestão do mal-estar produzido pelo descentramento e pelo desamparo” (Birman,2000,204), voltar seu olhar interessado para sentimentos como solidariedade e fraternidade. Esse mundo também pode criar outras tantas relações intensas, democráticas, com um mínimo de dominação. Esses sentimentos, que não são

invenção atual tomam uma atualidade pontual, e assinalam uma dimensão da virtualidade das relações familiares.

Em um mesmo tempo histórico em que tudo, a vida, a morte, as relações afetivas, parecem ter se tornado experimental, televisual, espetacular, em que as relações podem seguir uma coreografia já escrita, sem peculiaridades, há o voltar-se para sentimentos que estão muito além da compaixão sentimental, e que são construídos a partir de compromissos com a vida, com o respeito e a liberdade. Germina “*uma busca delicada em encontrar deliberadamente a experiência da fraternidade no mundo da atualidade, onde esta parece ter desertado para sempre*” (Birman,2000,175), forja uma nova confiança no laço social entre os sujeitos, permite a possibilidade da singularidade e da construção de novas práticas revolucionárias.

Buscar juntar os fios, resgatar sentidos, encontrar uma compreensão que torne essa vivência mais humana, onde o “*outro importa para o sujeito e muito até, estando ambos no mesmo barco da existência.*” (Birman,2000,p.178).É necessário criar um redemoinho de idéias e possibilidades que possam pintar esse mundo das relações familiares com outras cores, a esculpir nos blocos de pedras outras figuras, potencializando a fraternidade nos dias atuais como enfrentamento, “*antídoto face aos imperativos da cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo, na medida em que a categoria ética de fraternidade enuncia uma outra concepção possível de subjetividade*” (Birman,2000,p.178).

Anuncia-se assim, a construção de um novo sujeito histórico, conectado e preocupado com o outro, ativo, indagador, incansável, potencialmente criativo, destemido, singular e solidário, e principalmente um sujeito que reconheça a sua precariedade e a necessidade do outro. Esse processo instituiria uma ética entre os sujeitos, a ética fomentada pela fraternidade ou como refere Birman a *fraternidade como ética*.

*"Esta ética supõe a existência de um sujeito incompleto e precário, antes de mais nada. Isso implica dizer que a fraternidade apenas é possível se o sujeito puder reconhecer que não é auto-suficiente. Seria, assim, a auto-suficiência daquele que caracterizaria o modelo de subjetivação contemporânea, promovido pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo. Seria pois pelo reconhecimento de sua não auto-suficiência que o sujeito poderia encarar o outro como sendo assim também e reconhecê-lo como um igual " (Birman,2000, p.184).*

A virtualidade das relações familiares - contemplando as mudanças, as crises, as novas configurações, os enfrentamentos, a evolução tecnológica pode ser considerada numa perspectiva em que os sujeitos sejam artífices de seu próprio destino, onde exista a valorização das diversidades, a vitalidade, a cooperação, onde o novo seja desejado e não rechaçado. Um espaço que possa contribuir na construção de seres humanos confiáveis, responsáveis pelos seus atos a partir da construção de uma consciência social, onde os sujeitos possam viver plenamente suas emoções, romper com a solidão, pois *“somos sozinhos, perdidos, temos dor e uma imensa necessidade de amor. Todo resto é construção artificial”* (Lévy,2000,p.39).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLINI, Maria Y.B.O serviço social e abordagem com famílias: algumas especificidades. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, FSS-PUCRS, 1992.

\_\_\_\_. Da contemplação à busca da reconstrução In Fenômeno. Uma teia complexa relações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BIRMAN, Joel. Kehl, Maria Rita org. Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos in Função fraterna. Relume Dumará. RJ. 2000.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_. Historia da sexualidade II. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1990c.

\_\_\_\_. Saber y verdad. Madrid: La Piqueta, 1991.

\_\_\_\_. Genealogia del racismo. Madrid: La Piqueta, 1992.

\_\_\_\_. A hermeneutica del sujeto. Madrid: La Piqueta, 1994.

\_\_\_\_. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997a.

\_\_\_\_.Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Zahar, 1997b.

\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1998a.

\_\_\_\_. Da arqueologia do saber à estética da existência. Rio de Janeiro: NAU, 1998b.

\_\_\_\_. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1998c.

\_\_\_\_. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

\_\_\_\_. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau, 1999c.

GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrole, o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LAJONQUIÉRE, Leandro de., Kehl, Maria Rita org. Psicanálise, modernidade e fraternidade- Notas introdutórias in Função fraterna. Relume Dumará. RJ.2000

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_.O fogo liberador. São Paulo:Editora Iluminuras,2000

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_. Meus demônios. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

\_\_\_\_. A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.